

“Eu matei Hannah Baker?”: Uma análise da obra Os treze porquês sobre a abordagem do suicídio na mídia de entretenimento¹

Anna Carolina Scognamiglio de Oliveira
Universidade de São Paulo, São Paulo/SP

Prof^a Dr^a Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, São Paulo/SP²

Resumo

A prevenção do suicídio tem sido um dos temas tratados pela OMS desde a década de 90 com o programa SUPRE, incluindo o lançamento de um documento destinado aos profissionais da mídia sobre quais as boas práticas na abordagem do tema. Ao partir do pressuposto de que a mídia detém importante poder simbólico e relaciona-se diretamente com a construção de identidade, este trabalho propõe a análise da obra Os treze porquês, obra de ficção jovem adulta de alto alcance que tem o suicídio adolescente como tema principal, para verificar se a série e o livro abordam a temática de forma saudável, de acordo com o proposto pela OMS. Foi possível concluir que a obra exerce um importante papel de trazer a discussão sobre o suicídio à sociedade, porém falha ao não obedecer parte das recomendações oficiais da OMS, tais como não atribuir culpas e não expor cartas suicidas.

Palavras-chave

Suicídio; mídia de entretenimento; sociedade pós-moderna.

Introdução

O temor da morte é cultural na sociedade contemporânea e é um tabu falar sobre ela. A situação é ainda mais grave quando falamos de suicídio, ou morte voluntária; se falar de morte já é desconfortável, quando pensamos em um problema de saúde mundial como o suicídio o tabu é ainda maior e o assunto é ainda mais deixado de lado.

A obra Os treze porquês, composta por um livro escrito em 2007 por Jay Asher, e adaptada para o formato de série pela plataforma Netflix em 2017, foi a responsável por trazer o assunto à tona, principalmente o suicídio de jovens. Na obra, Hannah Baker, uma adolescente de 17 anos, enfrenta diversos problemas em uma sociedade pós-moderna e comete suicídio,

¹ Trabalho apresentado no Espaço Jovem Pesquisador, na categoria Trabalhos de Conclusão de Curso (monografias), atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Orientadora do TCC apresentado na Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo em 05/12/2019.

sem antes gravar 13 fitas K-7 explicando os seus porquês, que envolvem desde situações de *bullying* e abuso sexual. A narrativa é em torno de Clay Jensen, apaixonado por Hannah, que escuta as fitas para tentar entender o que acontecera com Hannah, e por que ele seria um dos motivos, já que não imaginava que mal poderia ter feito à ela.

A série foi destaque na Netflix e se tornou a série com maior engajamento nas redes sociais na semana de estreia até então (GOMES, 2017). Assim como levantou a discussão sobre o suicídio entre os jovens, a série e, conseqüentemente, o livro, também trouxeram à tona receios quanto a esse tipo de abordagem. O maior temor do público frente à obra era a possibilidade de influenciar os jovens, que, enfrentando situação semelhantes às vividas por Hannah Baker, poderiam buscar o mesmo fim.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral entender a influência da abordagem do suicídio na mídia de entretenimento entre os jovens desta faixa etária, sendo a obra *Os treze porquês* o objeto principal de análise pelo amplo alcance que a série teve no ano de 2017. Além disso, partindo da hipótese de que a forma como o suicídio é abordado na mídia de entretenimento pode afetar positiva ou negativamente o público, o objetivo específico será analisar como a obra *Os treze porquês* abordou a temática e se obedece às recomendações da OMS sobre o assunto, para que se verifique se pode ser considerada uma obra positiva ou não para a discussão dessa temática na sociedade.

O suicídio na sociedade ocidental

O termo suicídio foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra do século XVII, para significar “o assassinato ou morte de si mesmo”, derivado do latim *sui*, que significa “si mesmo” e *caedes*, “ação de matar” (MINOIS, 2018, p. 224). Segundo a OMS (1998 apud BERTOLOTE, 2012, p. 21), o suicídio é o ato deliberado, intencional, de causar a morte de si mesmo; um ato iniciado e executado por uma pessoa que tem a clara noção de que dele pode resultar a morte, e o desfecho fatal é esperado.

Segundo Minois (2018, p. 2), o fenômeno do suicídio revela os valores fundamentais da sociedade e afeta, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo e não parte, unicamente, de um comportamento patológico, como discute Émile Durkheim, em sua obra “O suicídio”, publicada em 1897. O filósofo já caracterizava o suicídio como sendo um fenômeno da razão (DAPIEVE, 2006, p. 21) e intimamente ligado ao grau de envolvimento social do suicida, contrariando o senso comum de que a morte voluntária era o destino unicamente de pessoas solitárias e infligidas pela loucura (DAPIEVE, 2006, p. 23). Durkheim, no século XIX,

introduziu o caráter sociológico à discussão do suicídio (BERTOLOTE, 2012, p. 15), classificando o fenômeno em tipos sociais a partir de sua etiologia (DURKHEIM, 2000, p. 167).

O suicídio egoísta partiria do indivíduo com baixa integração social, enquanto o suicídio do tipo altruísta pode ser caracterizado pela alta integração social (BRÁS, 2013, p. 13). Já o suicídio do tipo anômico pode ser caracterizado pela baixa regulação social (BRÁS, 2013, p. 13), ou seja, trata-se não da maneira pela qual os indivíduos estão ligados à sociedade, e sim como ela os regulamenta (DURKHEIM, 2000, p. 328). A anomia nada mais é, de acordo com o pensamento durkheimiano, ausência ou desintegração das normas sociais característico da sociedade moderna (DAPIEVE, 2006, p. 30); os indivíduos encontram-se em um estado anômico em que não reconhecem mais aquela sociedade como sua (DAPIEVE, 2006, p. 38), com uma sensação de desamparo, de perda de referenciais e de identidade.

É importante salientar, entretanto, que, assim como não pode-se dizer que os fatores extra-sociais, como Durkheim os denomina, são as únicas causas para o ato suicida, também não é possível fazer a mesma afirmação categórica a respeito da interação social. Atualmente, admite-se que o suicídio não possui uma “etiologia” única, ou seja, um agente etiológico como causa, mas sim trata-se de um comportamento multifatorial e multideterminado, que é o resultado de uma teia complexa de fatores de risco e de fatores protetores, cuja interação dificulta a identificação e precisão do peso de cada um deles (BERTOLOTE, 2012, p. 68).

Segundo Bertolote e a OMS (2012, p. 70), os fatores de risco são compostos pelos fatores predisponentes, tais como histórico familiar e transtornos mentais; fatores proximais, como desesperança e intoxicação por substâncias psicoativas; e, por último, os fatores participantes, conhecidos como estressores, como vergonha, fácil acesso aos meios de suicídio e perdas importantes (BERTOLOTE, 2012, p. 71-72). Também podemos destacar os fatores de proteção, ou seja, que “estão associados à taxas menores das diversas etapas do processo de suicídio” (BERTOLOTE, 2012, p. 75), tais como sentimento de valor pessoal, confiança em si mesmo, e bom relacionamento intrafamiliar.

Dessa forma, não possível estabelecer uma causa única para o suicídio. Analisando-se tanto os fatores de risco quanto os fatores de proteção, não é possível negar, entretanto, o peso das relações sociais, ainda mais quando enfrentamos as dificuldades da convivência na sociedade pós-moderna, cujos valores contribuem para o aumento do sofrimento psíquico.

O efeito da pós-modernidade no sofrimento psíquico

Os efeitos da modernidade e da pós-modernidade dialogam com um dos tipos de suicídio caracterizados por Durkheim, o tipo anômico. Segundo Marshall Berman (apud

DAPIEVE, 2006, p. 34), o homem enfrenta contínuas rupturas de equilíbrio, que causam sofrimento a partir da crise de identidade perante a regulamentação imposta pela sociedade; no conceito da fragmentação do indivíduo e relações líquidas, pode-se dizer que o indivíduo perde seus pontos de referência.

Lipovetsky relaciona a modernidade à pós-modernidade ao conceituar a primeira como “uma cultura radicalmente individualista, no fundo suicidária, que afirma a inovação como único valor” (LIPOVETSKY, 1983, p. 78). Um dos traços da cultura modernista é o individualismo, uma vez que o individual “é percebido e se percebe como fim último, se concebe isoladamente e conquista o direito à livre disposição de si próprio” (idem, p.87).

Segundo Perrusi (2015, p. 147), o individualismo extremado reivindica o direito de sofrer, porém com um sentido claro de denegá-lo; afinal, o sofrimento passa a ser visto como sintoma de fracasso e incapacidade. Perrusi (idem) destaca, ainda, relações entre o sofrimento psíquico e o individualismo contemporâneo, tais como a escola como reprodutora do individualismo de massa; a pedagogia moderna, que radicaliza a individualização; a autonomia e a independência individual; a competição como critério de justiça, que toma forma a partir de indivíduos isolados entre si; a fragmentação da existência, que exacerba o individualismo contemporâneo e causa sofrimento psíquico; e a independência individual, que retoma a ideia de responsabilidade e sensação de fracasso quando o resultado esperado não é atingido; e, a relação do individualismo com o utilitarismo (PERRUSI, 2015, p. 148).

O suicídio retratado na mídia e seu potencial de imitação

A ideia de que o suicídio é um ato que pode ser reproduzido já aparece em obras como a de Durkheim, uma vez que o sociólogo afirma que “o suicídio é eminentemente contagioso” (2000, p. 90) a partir do pressuposto de que o ser humano reproduz tendências.

Entretanto, mais do que uma predisposição individual, a imitação também pode ter como ponto de partida a condição pós-moderna da sociedade, que vive um processo identitário líquido, frágil e volátil, estabelecendo relações de modo superficial e fragmentada, dificultando a construção de uma identidade sólida (HWANG, 2018, p. 32). Nesse contexto, Hwang (2018, p. 33) conclui que, por conta dessa fragilização identitária, o sujeito encontra dificuldade de estabelecer uma diferenciação entre o eu e o outro, e funde-se às relações sociais sempre de forma superficial a partir do espetáculo e da aparência, processos esses reforçados pela mídia, voltada ao consumo (HWANG, 2018, p. 33).

O sujeito pós-moderno vive na era do hiperespetáculo, em que as relações são baseadas no divertimento e no espetáculo para distração do público, sendo que a mídia é a responsável

por exibir uma infinidade de imagens a fim de estimular o consumo (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 186). Partindo desse pressuposto, Baudrillard (1995 apud HWANG, 2018, p. 34) afirma que a mídia não mostra a realidade, e sim um simulacro, ou seja, uma réplica próxima à perfeição — assim, um episódio de suicídio possui duas faces: a realidade e o simulacro veiculado pela mídia, com imagens que são atrativas para o consumo.

O contágio aconteceria, então, quando o sujeito, cuja identidade é fragilizada na pós-modernidade, identifica-se com o simulacro do suicídio e consome aquela imagem espetacularizada; Hwang cita Thompson (1999 apud HWANG, 2018, p. 34), que relaciona o consumo de obras fictícias à construção de identidade, uma vez que o indivíduo consome fantasias, desejos, imagens e explora possibilidades, imaginando alternativas, culminando na construção de sua identidade. Assim, o sujeito momentaneamente descola-se da realidade e liga-se ao simulacro do suicídio (HWANG, 2018, p. 35).

O Efeito Werther e o Efeito Papageno

É nesse contexto que surgem estudos sobre a influência que o suicídio retratado na mídia possa ter em seus telespectadores. Aqui, podem ser destacados dois deles: o Efeito Werther (PHILLIPS, 1974) e o Efeito Papageno (NIEDERKROTENTHALER et al., 2010).

O primeiro relaciona-se ao livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774 por Goethe, que culmina no suicídio do protagonista, que precedeu uma onda de suicídios realizados da mesma forma que o personagem (PHILLIPS, 1974, p. 340, tradução nossa). Assim, o sociólogo norte americano David Phillips propôs-se a estudar as taxas de suicídio nos Estados Unidos e Inglaterra, relacionando-as à exposição da mídia para casos de morte voluntária, chamando o possível aumento na taxa de Efeito Werther (idem).

Phillips conclui que a possibilidade de imitação aumenta dependendo do nível de identificação que o sujeito tem com a pessoa que cometeu o suicídio, e também a partir de quanto de publicidade aquele caso recebe na mídia; além disso, a imitação tende a acontecer mais quando o sujeito “imitado” possui prestígio (1974, p. 352, tradução nossa). Phillips também argumenta que pessoas anômicas estão mais suscetíveis ao suicídio ou então a associar-se a movimentos sociais, ambas soluções encontradas para “aliviar” a anomia (idem, p. 351). É nesse contexto que os estudos do sociólogo dialogam com os estudos de Niederkrotenthaler et al. (2010, p. 234), que relacionam a exposição de casos de suicídio na mídia com a diminuição das taxas de morte voluntária, de modo preventivo.

No estudo, os autores têm como objetivo analisar o aumento nas taxas de suicídio após a veiculação na mídia de casos de morte voluntária, o efeito Werther, mas também estudar como

essa veiculação pode, de modo contrário, prevenir o suicídio (NIEDERKROTENTHALER et al., 2010, p. 234, tradução nossa). O nome para o efeito foi dado de efeito Papageno, também inspirado na ópera A Flauta Mágica, de Mozart: a personagem Papageno tem ideações suicidas, porém desiste da ideia de suicídio após três personagens desviarem a sua atenção para estratégias alternativas à morte voluntária (idem).

O resultado encontrado foi de que repetições de matérias sobre suicídio aumentaram as taxas de morte voluntária algumas semanas depois da publicação, assim como matérias com foco em pesquisas sobre suicídio e métodos; por outro lado, quando a matéria tinha como principal abordagem as ideações suicidas, quando não acompanhada de tentativa ou consumação de suicídio, ela teve um impacto protetivo ao reduzir as taxas de suicídio (idem, p. 241). O motivo é que publicações sobre pessoas que têm ideias suicidas, mas que encontraram outros caminhos, poderiam gerar identificação com o leitor e apresentar outras soluções (idem).

Metodologia

Na abordagem da temática do suicídio, poucas são as orientações de cunho oficial em relação a como esse fenômeno social deve ser tratado em produções de ficção; tanto os estudos dos efeitos Werther e Papageno, quanto os documentos oficiais encontrados a respeito de como abordar o suicídio na mídia tem como objeto a mídia jornalística.

Para este trabalho, o material encontrado que mais atende à necessidade de orientação especializada sobre a temática é o manual para profissionais da mídia da OMS, que empenha-se para a prevenção do suicídio desde 1996 (BERTOLOTE, 2012, p. 98). Apesar de o documento ter como foco a exposição do suicídio na mídia jornalística, a versão em inglês do documento apresenta um trecho que demonstra preocupação inicial com o que foi denominado por outras formas de mídia, tais como a internet, cinema, televisão e teatro e, apesar de o documento deixar claro que tais mídias fogem de seu escopo, afirma que o guia pode ser útil para elas também (OMS, 2008, tradução nossa).

Dessa forma, o método de análise escolhido para a série Os treze porquês foi a análise documental, a partir do manual da OMS de 2000. Segundo Moreira (2008, p. 272), a análise documental trata-se da identificação, verificação e apreciação de documentos para determinado fim, sendo que, neste caso, conforme exposto acima, o objetivo será justamente verificar se a obra ficcional sobre suicídio cumpre com o recomendado pelos especialistas da OMS para a abordagem saudável do tema, despertando o debate sobre a importância do assunto, e não despertar tendências suicidas e inspirar a imitação em seus espectadores.

Quadro 1 - Resumo das recomendações da OMS para profissionais da mídia ao abordar o suicídio

O que fazer	O que não fazer
<p>Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.</p> <p>Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”.</p> <p>Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.</p> <p>Destacar as alternativas ao suicídio.</p> <p>Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.</p> <p>Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida</p>	<p>Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.</p> <p>Não informar detalhes específicos do método utilizado.</p> <p>Não fornecer explicações simplistas.</p> <p>Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.</p> <p>Não usar estereótipos religiosos ou culturais.</p> <p>Não atribuir culpas.</p>

Fonte: OMS, 2000, p. 9.

Análise da obra “Os treze porquês”

O primeiro item de recomendação da OMS na abordagem do suicídio pelos profissionais da mídia é trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos. A Netflix disponibilizou, em conjunto com a série, um documentário de cerca de meia hora intitulado “13 reasons why: tentando entender os porquês” (2017), em que os produtores executivos da série, os atores, psicólogas e psiquiatras abordam os temas mais delicados da série: o abuso sexual sofrido por Hannah e o suicídio. No documentário, o produtor executivo Tom McCarthy afirma que havia psicólogos acompanhando a criação do roteiro/ e as filmagens (13 REASONS..., 2017); além disso, as psicólogas e psiquiatras explicam alguns dos comportamentos das personagens na série, o que demonstra a veracidade por detrás da obra ficcional.

Dessa forma, é possível afirmar que a criação da série esteve envolta por um cuidado para tratar do tema, materializado pela consulta a especialistas. Evidência essa que não pôde ser encontrada no livro, que destina a parte final a uma entrevista com o escritor contando as motivações para a escrita da narrativa, como ela foi escrita e baseada em quais histórias (ASHER, 2007, p. 196-201); aqui, não é explicitado em momento algum se houve um respaldo de especialistas sobre qual seria a melhor forma de abordar a temática do suicídio.

Os dois próximos itens são “referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”, e “apresentar somente dados relevantes, em páginas internas”, ambos com viés jornalístico e que não se aplicam à obra de ficção analisada.

O item seguinte diz que é necessário destacar as alternativas ao suicídio, e esse item pode ser analisado de forma ambígua na obra. Uma das leituras que pode ser feita sobre a personagem é a sua dificuldade em expressar os seus sentimentos, principalmente no que diz respeito ao sofrimento — de acordo com Perrusi (2015, p. 147), essa é uma característica fundamental que associa a pós modernidade ao sofrimento psíquico, uma vez que, na pós-modernidade, o sofrimento passa a ser visto como sintoma de fracasso e incapacidade (idem). A psiquiatra Rona Hu corrobora com essa ideia quando afirma que “Os adolescentes estão tentando estabelecer alguma independência. Às vezes, quando eles gostariam de ter ajuda, de alguma forma, eles também estão resistindo” (13 REASONS..., 2017).

Dessa forma, Hannah e todos os alunos da escola dela têm extrema dificuldade em expressar sentimentos, mesmo quando se trata de pedir ajuda; na série, principalmente, podemos enxergar diversas alternativas que aliviarão o sofrimento da personagem nas pessoas que se importavam com ela, como seus pais e Clay Jensen.. Mesmo aquelas pessoas estando ali por Hannah, ela nunca conseguiu pedir ajuda, apesar de ficar claro para o espectador, ou leitor do livro, que ela poderia ter se apoiado nessas pessoas nos momentos mais difíceis, o que pode servir de incentivo para que as pessoas se comuniquem mais umas com as outras.

Porém, quando a personagem resolveu procurar ajuda sobre o abuso sexual que sofrera, que teria sido o estopim para a decisão do suicídio, ela não foi eficaz; o conselheiro da escola, Sr. Porter, mostrou-se despreparado para lidar com os assuntos trazidos por Hannah. A situação pode ter duas leituras diferentes: uma delas é a exposição da realidade do despreparo da sociedade para lidar com problemas como abusos e suicídio, que muitas vezes passam despercebidos. Porém o Sr. Porter é a representação do que poderíamos chamar de “especialista”; por ser o conselheiro da escola e, no contexto de Hannah, ele foi única pessoa que a personagem enxergou que poderia ajudá-la, porém, ele não percebeu os sinais e acabou piorando a situação ao minimizar a situação de abuso vivida por Hannah, a e situação pode passar a impressão de que é inútil pedir ajuda.

Fora do contexto da narrativa da obra, também é possível destacar ações que indicam alternativas ao suicídio: no livro, no capítulo de entrevista com o escritor, Jay Asher alerta aos leitores a procurarem ajuda de alguém de confiança ou de especialistas caso sintam-se como Hannah, ou percebam que alguém que conhecem esteja passando por algum problema similar (ASHER, 2007, p. 199-200). Na série, a Netflix incluiu um vídeo antes de cada episódio em que os principais atores alertam os espectadores sobre o conteúdo dos episódios, e indicam o site *13reasonswhy.info*, que contém sites e telefones locais pelos quais é possível buscar ajuda.

A quinta orientação sobre o que fazer, segundo a OMS, é fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda, exatamente o que é feito no início de cada episódio, como foi mostrado anteriormente, com um reforço no final. O livro, por outro lado, além da recomendação do escritor de procurar por ajuda, não apresenta nenhuma informação concreta sobre como pedir essa ajuda.

A última orientação é mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida. Apesar de Hannah dar sinais do comportamento suicida, como o corte de cabelo e a doação de sua bicicleta, o livro não apresenta formalmente quais são os sinais. Na série, em contrapartida, são apresentados os sinais de comportamento suicida no quarto episódio, quando a escola promove uma palestra sobre prevenção ao suicídio após o ocorrido com Hannah. O Sr. Porter comunica aos pais os seguintes sinais: alterações de humor, recusa em participar de atividades em grupo, mudanças na aparência, queda de notas e abuso de substâncias (OS TREZE PORQUÊS, 2017, Episódio 4). Destes, é possível notar que Hannah apresenta quase todos ao longo da série, com exceção do abuso de substâncias.

Além dos sinais, é possível identificar diversos fatores de riscos para Hannah, tema que não é abordado nem na série nem no livro. Segundo os fatores de risco apresentados por Bertolote (2012, p. 7), um dos principais que podem ter levado Hannah à decisão de tirar sua própria vida é a depressão, apesar de esta ser apenas uma hipótese, uma vez que, conforme dito anteriormente, essa condição não é explorada na obra. O que pode ser indicativo de que Hannah enfrentava um transtorno como depressão são alguns sinais indicados pela personagem: a sensação que ela afirma viver uma solidão extrema, sensação de vazio, de ser um peso para as pessoas próximas, de culpa, e a própria ideação suicida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Além de uma possível depressão que Hannah enfrentava, outros fatores caracterizados como fatores sociodemográficos e individuais por Bertolote (2012, p. 7) podem ser identificados na narrativa de Hannah, tais como isolamento social devido ao *bullying* de alguns de seus colegas de escola e trauma por abuso sexual. Como fatores estressores recentes, é possível identificar conflitos familiares, quando a menina perde o dinheiro dos pais e sente-se um peso, e vergonha e temor de ser considerado culpada, sentimento que permeia Hannah desde ter presenciado o estupro de sua amiga Jessica, depois pela morte de seu colega Jeff e, por último, de ter decepcionado Clay e seus pais. Aqui, apesar de o abuso sexual ser considerado um fator individual por Bertolote, o estupro de Hannah pode ser considerado também um estressor recente, uma vez que é o gatilho final para a personagem decidir suicidar-se.

Além de os fatores de risco, pode ser verificado também que Hannah não experienciou vários dos considerados “fatores protetores” por Bertolote (2012, p. 7), tais como sentimento

de valor pessoal, confiança em si mesma, disposição para buscar ajuda quando necessário — apesar de ter buscado uma vez, quando já estava com a decisão de tirar sua vida praticamente tomada —, habilidade para se comunicar, bom relacionamento intrafamiliar, bom relacionamento com amigos e colegas, entre outros. Mesmo que Hannah tivesse a chance de contar com um desses fatores, os fatores de risco foram mais fortes e ofuscaram os de proteção.

Dessa forma, é nítido o adoecimento de Hannah, porém trata-se de uma análise mais aprofundada, já que esses fatores não recebem um destaque mais formal. A OMS explicita a necessidade de abordar o histórico da vítima, principalmente no que diz respeito aos fatores de risco, como a depressão, além da necessidade de deixar claro que trata-se de uma condição tratável (2000, p. 9). Além disso, toda a análise dos fatores de risco e de proteção aplicam-se apenas à série, uma vez que nela é possível explorar com mais detalhes a vida de Hannah; no livro, como trata-se apenas da narração da personagem por meio de suas fitas, fica difícil entender sobre sua realidade no momento que passou pelos acontecimentos narrados.

Já dentre todas as recomendações da OMS sobre o que não é recomendado fazer ao abordar o tema do suicídio na mídia, o item “não atribuir culpas” aparece em último lugar, porém, devido à importância dessa temática dentro da obra *Os treze porquês*, ela será analisada primeiro, uma vez que a obra é desenvolvida justamente a partir da premissa de que há treze motivos para que Hannah tenha decidido tirar sua vida, há treze “culpados”.

Logo de início, a obra já vai contra a recomendação de não publicar fotos ou cartas suicidas, uma vez que as fitas gravadas por Hannah nada mais são do que uma espécie de carta suicida. Em nenhum momento o motivo para a atitude de deixar as fitas é deixado claro de forma explícita; entretanto, é possível inferir que a atitude permeia uma espécie de vingança, como pode ser observado na em uma fala da personagem na introdução de sua segunda fita, em que ela imagina que os ouvintes estejam se perguntando o que eles poderiam ter feito para estarem presentes naquelas gravações (*OS TREZE PORQUÊS*, 2017, Episódio 2).

Ela demonstra querer que os ouvintes de suas fitas saibam quais de suas atitudes influenciaram sua decisão de tirar sua vida, tanto que ela encontra uma forma de “obrigá-los” a escutarem: caso um deles não passe as fitas adiante, ela afirma, uma cópia será divulgada (*OS TREZE PORQUÊS*, 2017, Episódio 1; ASHER, 2007, p. 14). No livro, a mesma atmosfera de culpa pode ser percebida pelos personagens, quando Clay afirma: “Por que alguém iria querer enviar pelo correio um pacote de fitas que culpassem você por um suicídio? (...) Hannah quer que nós, todos da lista, escutemos o que ela tem a dizer” (ASHER, 2007, p. 17).

A culpabilização das pessoas pela morte de Hannah permeia toda a narrativa. Alex Standall diz a Clay que ele, Alex, assim como Clay, Jessica e Justin, mataram Hannah (*OS*

TREZE PORQUÊS, 2017, Episódio 3). Tony, personagem que ficou responsável por garantir que todos da lista escutariam as fitas, em conversa com Clay, que pergunta se ele havia matado Hannah, Tony diz que sim (OS TREZE PORQUÊS, 2017, Episódio 10).

Por se enquadrar no gênero de um drama de suspense, a estratégia do escritor Jay Asher foi, justamente, instigar a curiosidade do leitor: por que Clay, o protagonista do livro e da série, um aluno educado e empenhado, apaixonado por Hannah, teria sido um dos motivos para ela tirar sua vida? No final do livro, dedicado a uma entrevista com Asher, o autor afirma que essa foi a maneira encontrada por ele para que os leitores tivessem um porquê para continuar a leitura de um livro que trata de um tema tabu como o suicídio (ASHER, 2007, p. 2000).

O problema que pode ser encontrado nessa estratégia é que ela foca apenas nessas culpas; apesar de apresentar os sinais de alerta para um ato suicida e, na série, apresentar os fatores de risco no cotidiano de Hannah, eles não são abordados com a importância necessária; dessa forma, uma leitura superficial do espectador e do leitor pode ser enxergar a culpa apenas nos acontecimentos sociais na vida da personagem, mostrando que o suicídio não apenas é uma forma de resolução desses problemas, como ainda é uma forma viável de “ensinar uma lição”.

Entretanto, é importante frisar que a obra se empenha para mostrar que não foi resultado de apenas um fato isolado, e sim uma sucessão de eventos. Na obra, há duas falas da personagem que indicam a complexidade dos acontecimentos, quando Hannah diz que “tudo afeta tudo” (OS TREZE PORQUÊS, 2017, Episódio 3), e “não tomei essa decisão no calor do momento” (ASHER, 2007, p. 14), demonstrando que sua decisão não foi consequência de uma única ação e nem por impulso. Dessa forma, é aceitável afirmar que a obra segue parcialmente a orientação da OMS de não fornecer explicações simplistas; parcialmente porque a obra perdeu a oportunidade de explorar os fatores de risco, fazendo com que a decisão de Hannah pareça ter sido extremamente racional e lógica. Assim, o peso da culpa nos colegas da escola de Hannah é muito grande, e toda a ideia de vingança por detrás da gravação das fitas como punição àqueles que a fizeram sentir-se vazia, como ela pontua, vai de encontro com outra recomendação da OMS de não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.

O contraponto apresentado pela OMS para que não se cometa esse equívoco, ou seja, idealizar o suicídio, é focar no luto dos familiares e amigos da vítima (OMS, 2000, p. 8). De fato, o suicídio de Hannah não é mostrado como algo positivo. Como o livro tem apenas a narração de Hannah nas fitas e a narração de Clay ouvindo-as, nada é explorado em relação aos outros personagens, porém a série da Netflix consegue ir além e nos mostra, por exemplo, todo o sofrimento dos pais de Hannah. Além disso, o sofrimento de Clay também recebe bastante destaque, inclusive no livro, porém destaca-se principalmente uma cena na série em que o

menino imagina como poderia ter agido com Hannah quando ela esquivou-se dele quando eles aproximaram-se se ele soubesse o que estava acontecendo, criando um diálogo em sua cabeça em que ela diz que a ama, e Hannah rebate perguntando por que ele não havia dito aquilo quando ela ainda estava viva (OS TREZE PORQUÊS, 2017, Episódio 11).

Com a cena anterior, a obra mostra que o suicídio de Hannah fez com que ela nunca pudesse ter um futuro com Clay, e mostra, também, que o desfecho de sua história poderia ter sido diferente caso ela ou ele tivesse conseguido expressar seus sentimentos. A cena representa não apenas o luto de Clay devido à morte de Hannah, mas também à morte de um futuro interrompido bruscamente. A situação pode instigar o sentimento de empatia no espectador que, assim como Clay, começa a imaginar o “e se”, caso Hannah não tenha tirado sua própria vida, o que pode ser benéfico no quesito de instigar o efeito contrário à imitação, ou seja, inspirar os espectadores mais sensíveis a pensar em alternativas ao suicídio.

Apesar disso, não é possível negar o caráter de idealização na postura vingativa de Hannah; até mesmo na cena anterior, quando ela diz a Clay que ele deveria ter dito aquelas coisas a ela quando estava viva, mesmo que na imaginação dele, demonstra o peso da culpa. No livro, inclusive, a personagem chega a associar as fitas que estava gravando a um poema, romantizando a situação (ASHER, 2007, p. 122).

Outro ponto que chamou a atenção foi a cena do suicídio de Hannah na série, o que vai contra a recomendação da OMS de não informar detalhes específicos do método utilizado. O episódio contém um aviso de que contém cenas gráficas de suicídio, porém a série foi contra a recomendação da OMS e pode ter sido um gatilho para os espectadores mais fragilizados. As diversas discussões resultaram na edição da primeira temporada na série pela Netflix, dois anos depois de sua estreia e a cena foi retirada da plataforma (NETFLIX, 2019, apud G1, 2019).

Até mesmo o livro não conseguiu cumprir com essa recomendação. Apesar de não haver detalhes gráficos sobre a morte de Hannah, a menina conta sobre os pensamentos que tinha quando pensava com como ia se matar, de forma que pareça praticamente um tutorial, em que ela afirma que a escolha do método dependeria de como ela gostaria que as pessoas enxergassem sua morte, como acidental ou proposital. (ASHER, 2007, p. 173).

Por fim, a última recomendação da OMS sobre como abordar o suicídio na mídia a ser analisada é não usar estereótipos religiosos ou culturais. Tanto na série quanto no livro é possível verificar que alguns clichês são abordados, porém, como a recomendação da OMS diz respeito à representação do suicídio em si, não é possível afirmar que a obra utilizou estereótipos para embasar o suicídio de Hannah.

Quadro 2 - Conclusão sobre recomendações da OMS seguidas pela obra Os treze porquês

O que fazer	Série	Livro
Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.	Sim	Não
Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”.	-	-
Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas.	Em partes	Em partes
Destacar as alternativas ao suicídio.	Em partes	Em partes
Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.	Sim	Não
Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida	Em partes	Em partes
O que não fazer	Série	Livro
Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.	Não	Não
Não informar detalhes específicos do método utilizado.	Não	Em partes
Não fornecer explicações simplistas.	Em partes	Em partes
Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.	Em partes	Não
Não usar estereótipos religiosos ou culturais.	Sim	Sim
Não atribuir culpas.	Não	Não

Fonte: autoria própria

Considerações finais

Na sociedade pós-moderna, a mídia tem um papel de extrema importância como detentora de poder simbólico, como afirma Thompson (1998, p. 20). A mídia, onipresente, tem a capacidade de “intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos” (idem). Uma de suas principais características é a imprevisibilidade de como cada receptor irá interpretar aquelas mensagens, que tem a ver com sua própria individualidade e recursos naturais disponíveis (idem, p. 42).

Assim, é imprescindível assumir a responsabilidade que os meios de comunicação têm diante de seu público. Um dos objetivos deste trabalho foi buscar entender a influência dessa temática na mídia de entretenimento para os jovens, o que pôde ser constatado por meio do levantamento bibliográfico de estudos secundários, como o de Phillips (1974), sobre o Efeito Papageno, o de Niederkrotenthaler et al. (2010) sobre o Efeito Papageno. Nesse sentido surgem recomendações oficiais de como se deve abordar a temática; neste trabalho, utilizou-se o guia oficial da OMS (2000) para averiguar se a obra respeitam à diretrizes oficiais, e se pode ser considerada segura para ampliar a discussão sobre o suicídio, e não ocasionar imitações.

A série e o livro apresentam elementos um pouco diferentes entre si, devido à diferença da natureza da narrativa, porém, ambas possuem resultado semelhante quanto à quantidade de recomendações seguidas. Das doze recomendações, o livro segue apenas uma de forma completa, enquanto segue, em partes, cinco delas e não obedece também outras cinco, sendo que uma delas não se aplica à obra. Já a série, de modo parecido, obedece a três recomendações, apresenta cinco delas em partes, e não obedece a três.

A série sai na frente por conseguir abordar de forma mais completa o cotidiano de Hannah, e não apenas as mensagens deixadas por ela, com acontece no livro; além disso, a série mostra-se preocupada com as consequências da temática com os espectadores ao fornecer um site para que as pessoas busquem ajuda caso sintam necessidade, o que não é possível encontrar no livro. Em ambos os casos, entretanto, pode-se ver que pouco é explorado sobre os demais motivos que fizeram Hannah tomar a decisão de tirar sua vida, fazendo com que, em uma leitura superficial, as causas sociais sejam a única razão, eliminando a importância dos fatores de risco, como depressão, sentimento de culpa e distanciamento da família.

Assim, pode-se concluir que a obra *Os treze porquês* falha em diversos pontos das recomendações da OMS, apesar de trazer alguns pontos positivos. A forma que o suicídio é abordado na mídia de entretenimento deve ser avaliada com cautela, uma vez que seus efeitos continuam a mostrarem-se danosos. Por isso, é importante que os profissionais da mídia reconheçam a responsabilidade e o papel social da mídia na vida da sociedade pós-moderna, e que trabalhem em conjunto com autoridades de saúde para que qualquer mal seja evitado.

Referências

13 REASONS Why: Tentando Entender os Porquês. Califórnia: Netflix, 2017.

ASHER, Jay. **Os treze porquês**. São Paulo: Editora Ática. 2007.

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BRÁS, Marta Sofia Ventosa. **Condutas suicidas: Vulnerabilidade e prevenção em adolescentes**. 2013. 96 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade do Algarve, Faro, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2PB5CUr>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

DAPIEVE, Arthur Henrique Motta. **Suicídio por contágio: maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2YZB0At>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução de Mônica Stahel.

GOMES, Fábio de Souza. **13 Reasons Why: série é o maior sucesso da Netflix nas redes sociais**. Disponível em <<http://bit.ly/2pFpwkQ>>. Acesso em 10 out. 2019.

HWANG, Esther. **Suicídio por contágio e a comunicação midiática**. 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2O254o9>>. Acesso em: 08 set. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção**. 2019. Disponível em <<http://bit.ly/33el23c>>. Acesso em 29 de out. 2019.

MINOIS, Georges. **História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária**. São Paulo: Editora Unesp, 2018. Tradução de Fernando Santos.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NIEDERKROTENTHALER, Thomas et al. Role of media reports in completed and prevented suicide: Werther v. Papageno effects. **The British Journal Of Psychiatry**, Cambridge, n. 197, p.234-243, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2omYJZX>>. Acesso em: 18 set. 2019.

OMS. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. 2000. Disponível em <<http://bit.ly/2mIVE60>>. Acesso em: 20 set. 2019.

OS TREZE PORQUÊS. Realização de Brian Yorkey. Califórnia: Netflix, 2017. Color. Temporada 1

PERRUSI, Artur. **Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos: Saúde mental e individualidade contemporânea**. Disponível em <<http://bit.ly/33EE0R7>>. Acesso em: 20 set. 2019.

PHILLIPS, David. The Influence of Suggestion on Suicide: Substantive and Theoretical Implications of the Werther Effect. **American Sociological Review**, [s.l.], v. 39, n. 3, p.340-354, jun. 1974. Disponível em: <<http://bit.ly/2omsj1z>>. Acesso em: 18 set. 2019.